



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
ato alusivo à visita ao “Projeto Acreditar”**

Porto Velho-RO, 12 de março de 2009

Olha o Ronaldão aí, gente!

Meu caro governador do estado de Rondônia, Ivo Cassol, e sua senhora Ivone Cassol,

Meus caros companheiros ministros, que é a primeira vez que vêm comigo, companheiro Carlos Luppi, ministro do Trabalho - aquele da ponta lá -; meu companheiro Patrus Ananias, do Desenvolvimento Social; meu companheiro Marcio Fortes, ministro das Cidades; companheiro Franklin Martins, ministro da Comunicação Social.

Nosso deputado Noedi de Oliveira, presidente da Assembléia Legislativa de Rondônia,

Cumprimentar os três senadores aqui presentes, Expedito Júnior, Fátima Cleide e Valdir Raupp,

Cumprimentar os nossos amigos aqui, deputados federais e deputadas, Anselmo de Jesus, Eduardo Valverde, Lindomar Garçon, Marinha Raupp, Mauro Nazif e Natan Donadon,

Cumprimentar o nosso querido companheiro Roberto Sobrinho, prefeito de Porto Velho, em nome de quem saúdo os prefeitos de todo o estado de Rondônia, e sua esposa, Lucilene Peixoto,

Cumprimentar os companheiros que vieram comigo de Brasília, Paulo Okamoto, presidente do Sebrae e o Meneguelli, presidente do Sesi,

Cumprimentar dois companheiros, um que já foi governador do estado do Acre e hoje está aqui nos visitando, que é o nosso querido companheiro Jorge Viana, governador do estado do Acre,

O ex-senador e ministro da Previdência, Amir Lando,



E cumprimentar o companheiro Marcelo Odebrecht, presidente da Odebrecht; e o Emílio Odebrecht, presidente do Conselho de Administração,
Também cumprimentar o Denis Baú, presidente do Conselho Regional do Senai,

Bem, meus amigos, amigas, companheiros e companheiras, o dia de hoje é um dia especial. Possivelmente dentre todos vocês, dentre todos os moradores de Rondônia, que têm razão de sobra para estarem felizes com o que está acontecendo aqui... Eu, embora seja pernambucano, quero pedir para vocês o direito de estar tão feliz quanto vocês.

Primeiro, porque muita gente não reconhece o esforço que uma mãe tem para colocar um prato na mesa, de comida quente, e muitas vezes senta à mesa reclamando da comida que ela fez, sem saber o sacrifício que ela fez e sem saber, às vezes, que até não havia os ingredientes necessários para fazer uma boa alimentação.

Essa obra... Agora todos nós estamos aqui felizes, o Presidente da República, o Prefeito, o Governador, os senadores, os deputados, o povo de Rondônia, os empresários, os companheiros do sistema elétrico brasileiro, estamos todos felizes. Mas o Emílio sabe que foi um parto que quase foi abortado muitas vezes. Porque no Brasil, muitas vezes, para fazer tem poucos, para destruir tem muitos. No Brasil, muitas vezes, e vocês sabem na vida pessoal de vocês que é mais fácil destruir do que construir. Para construir um prédio, leva dois anos, três anos, quatro anos, cinco anos. E aí, com meia dúzia de dinamites a gente vai e derruba em dois minutos, vira pó aquilo que a gente construiu.

Na vida política é assim. Esta é uma obra que foi muito difícil. Muito difícil ela sair do projeto, sair da vontade do governo que precisava fazer, e mesmo do governo anterior, do nosso governo e dos empresários. Porque entre a gente ter vontade de fazer uma obra, fazer o projeto dessa obra,



conseguir esse projeto nos mecanismos que tratam do meio ambiente no Brasil, passar pelo Ministério Público, passar pelo Tribunal de Contas da União e passar pela licitação deste país, com a quantidade de processos que, muitas vezes, são movidos pelas empresas que perdem a licitação, é um verdadeiro inferno.

Muitas vezes, um governo toma posse, termina o seu mandato e não consegue licenciar uma obra dessa magnitude, muitas vezes. Não é uma coisa simples. Hoje, estamos aqui comemorando possivelmente um dos três maiores investimentos que estão em funcionamento neste país. E certamente há poucas obras no mundo hoje e poucos estados do mundo recebendo investimentos de mais de US\$ 10 bilhões, ou R\$ 21 bilhões, o que vai ser investido nas duas empresas hidrelétricas que estamos construindo. Possivelmente, poucos países do mundo têm a quantidade de obras de grande envergadura que estamos fazendo no Brasil.

Ainda este ano, começaremos o trabalho de terraplanagem de uma refinaria no estado do Maranhão que vai custar US\$ 19 bilhões. Não é pouca coisa, para produzir e refinar 600 mil barris/dia. Da mesma forma, nós vamos fazer uma outra no estado do Ceará, 300 mil barris/dia, no valor de quase US\$ 11 bilhões. E quanto mais o mundo estiver em crise, mais nós aqui, no Brasil, vamos fazer investimentos, porque esta crise a gente combate fazendo investimento. Esta crise, se a gente se amofinar e for para dentro de casa, assistir à televisão, ler jornal ou ver revista e a gente ficar ouvindo discurso da oposição, a gente fica amofinado e não faz nada. Eu sou um homem que nunca ganhei nada de graça na minha vida. O primeiro presente que eu ganhei na minha vida, eu mesmo comprei para mim, que naquele tempo era uma bola, os novos não sabem como é que se chama. Essas bolas de jogar futebol, antigamente a gente chamava de “bola de capotão”. E eu comprei uma bola de borracha. A bola não era macia como a de hoje. A “bola de capotão”, você tinha que terminar o jogo se estivesse chovendo, lavar e passar sebo na corda



para que não quebrassem as cordas. Foi o primeiro presente que eu me dei na minha vida. Eu, para chegar a Presidente da República, perdi três eleições. Então, eu aprendi a não ter medo de situações difíceis. Aprendi a não ter medo de manchete. Eu aprendi que política a gente faz, primeiro com muita ousadia e muita coragem, segundo, com muita honestidade e terceiro, com muita abertura política para conversar e se entender com todo mundo.

E exatamente por isso, nós estamos vindo aqui, inaugurar um projeto dessa magnitude. Eu poderia falar: “olha, a crise está aí, estou vendo o meu amigo Obama em um aperto desgramado, na maior economia do mundo. Estou vendo a Europa, que é o lugar mais rico do mundo, cheio de problema, Estou vendo o Japão em uma crise sem precedentes na história do Japão. Então, em vez de a gente ficar gastando dinheiro, vamos sentar em cima do dinheiro e vamos esperar a crise passar”. Poderia fazer isso. E o que eu posso dizer ao governador, ao prefeito da Capital e aos prefeitos do interior que estão aqui é que esse é o momento em que vocês, com muita responsabilidade, têm que investir o que vocês puderem investir para gerar os empregos e os salários que esse povo precisa para sobreviver com dignidade.

Pois bem, eu, toda vez que participo de um ato de formação, para mim é uma glória, é uma coisa que mexe muito comigo. Mexe porque este país não apostou na educação durante muito tempo, e não apostou na educação durante muito tempo porque muitas pessoas que governaram este país já tinham estudado e como eles já tinham estudado, eles achavam que os outros não precisavam estudar. Como os filhos deles já tinham estudado, eles achavam que os filhos dos pobres também não precisavam estudar. E assim nós fomos criando, no século XX, todo o século passado, uma sociedade em que cada vez mais ia aumentando o nome...ia aumentando a quantidade dos que ficavam para fora, ia diminuindo a quantidade dos que podiam participar da festa.



Um país dessa magnitude! Não é possível mudar aquilo que foi construído durante muito tempo neste país, se a gente levar em conta que o modelo de desenvolvimento tem que ser justo para que abra espaço e oportunidade para todos, independentemente da cor, independentemente da razão social e independentemente do time de futebol que cada um torça. É garantir que as pessoas possam estudar, e daí Emílio eu ouvi com muita alegria, ouvi com muita alegria, uns elogios feitos aqui à Odebrecht. E eu acho que outras empresas, estou vendo o Flávio aqui, da Andrade Gutierrez, certamente tem gente aqui de outras empresas. É importante a gente perceber que o que nós estamos vendo aqui, não é apenas a formação de um curso profissional para jovens trabalhadores das obras que estamos construindo aqui. O que vocês estão construindo aqui, Emílio, é estabelecer e criar um novo paradigma para as próximas hidrelétricas que vão ser criadas neste país.

É um degrau a mais de dignidade, é um degrau a mais de responsabilidade, é um degrau de garantir... e a diretoria da Odebrecht participou da reunião quando nós discutíamos a necessidade de preparar a gente daqui para trabalhar, porque senão os trabalhadores de uma obra... Fica sendo assim: a empresa, poderia ser muito mais cômodo, pegar trabalhadores de outras obras que já estão trabalhando há muito tempo, trazer para cá, colocar cinco ou seis mil trabalhadores aqui, os de fora trabalhando, os de Rondônia ao lado, olhando. Cada vez mais vindo gente com perspectiva de trabalhar, terminava a obra, os que vieram de fora ficavam sem emprego, faziam uma favela logo do lado da represa e a empresa ia embora ganhar mais dinheiro em outra hidrelétrica. Rondônia vai servir, com essas duas hidrelétricas, vai servir de paradigma para as outras hidrelétricas que nós vamos construir neste país.

Além disso, há uma coisa que é sagrada, e me permita poder contar para vocês aqui uma coisa que eu vivo todos os dias. A imprensa nem precisa registrar, porque a imprensa nacional, que viaja comigo, vê eu falar essas



coisas todo ato, mas nem todo mundo de Rondônia lê o que vocês escrevem, então eu vou falar para eles aqui.

Aliás, vocês viram na imprensa de hoje aqui? Vocês viram na imprensa de hoje aqui, que saiu no jornal dizendo que um irmão do presidente Lula, que ele não conhecia, morreu aqui? Realmente eu não conhecia, porque ele não é meu irmão. Eu não conhecia...quer dizer... a irresponsabilidade, a irresponsabilidade de alguém pegar uma pessoa que morreu, porque tem Inácio, achar que é meu irmão. E coloca com a maior desfaçatez. Ou seja, como eu não vou poder conversar com todas as pessoas que leram a matéria, o pessoal vai começar: “Poxa vida, o Lula tem um irmão que ele nem conhecia. Olha, não sei das quantas... tal.” Eu posso dizer que nem meu pai, nem minha mãe, nunca vieram para Rondônia. Sabe, tem essas coisas. Por que eu estou dizendo isso? Porque a importância da formação profissional, vocês vão ter dimensão do que significa para vocês, quando vocês saírem com uma carteira profissional para procurar emprego.

Uma coisa é um trabalhador sem carteira profissional. Nós quando não temos profissão, nós somos mais um. Quando nós temos uma profissão, nós somos “o cara”. E a empresa, como um time de futebol, prefere “o cara” a um cidadão comum. E vocês vão perceber a diferença de tratamento que vocês vão ter. O trabalhador que não tem profissão, quando ele chega em um lugar para procurar emprego, a primeira pergunta que o diretor de relações humanas pergunta para ele é o seguinte: “O que você sabe fazer?” Se ele falar: “Um pouco de tudo”. O cara não acredita. Porque jogador que vai entrar no time que fala: “Em que posição você joga?” “Em qualquer uma.” É mentiroso. Não joga bola. E nem nós poderemos fazer um pouco de tudo, nós temos que ter uma profissão.

Pois bem, se vocês chegarem e disserem: “Eu tenho tal profissão”. Certamente, a empresa vai colocar o nome de vocês no currículo, e ela depois pode chamá-los. Além disso, vocês vão perceber que aumenta a faixa salarial



de um trabalhador profissional, para um trabalhador que não tem profissão. Aumenta substancialmente.

E o que está se fazendo em um estado como este, é uma coisa extraordinária, porque agora é que este estado, que é um estado agrícola, que é um estado que já foi de ouro, já foi de madeira, já foi de qualquer coisa. Agora é a grande chance que este estado tem de se transformar em um estado industrializado, em um estado industrial. E na hora em que chegar o desenvolvimento aqui, em que chegar a indústria, o que vai acontecer? A primeira coisa que o empresário vai perguntar é se tem mão-de-obra qualificada. Qualquer empresário que vier fazer um empreendimento aqui em Rondônia, a primeira pesquisa que ele vai fazer, é se tem mão-de-obra qualificada para o tipo de produto que ele precisa. Em um primeiro momento para construir a fábrica, em um segundo momento para produzir o produto que a fábrica vai produzir.

Então vocês são, possivelmente, o maior conjunto de jovens, de mulheres, de homens, de adultos, que estão se formando junto com o objetivo de atender um empreendimento. Mas esse empreendimento vai acabar. Eu só espero, viu Emílio e Marcelo, que o presidente Evo Morales da Bolívia, resolva decidir fazer a terceira hidrelétrica na divisa, na parte em que o rio divide com o Brasil e Bolívia, para a gente fazer uma binacional, para resolver mais um problema da Bolívia e para resolver o nosso problema.

A proposta já está feita para ele. Já foi dito ao presidente Evo Morales o significado da construção de uma hidrelétrica de 3.000 megawatts, que possa metade ser dele, e eu espero que eles decidam logo, porque aí, sim, é que vocês vão ter mais tempo trabalhando, porque vai terminar uma, vai ter outra, e vai ter outra, e vai ter outra, e eu penso que vocês se transformarão em especialistas internacionais na construção de hidrelétricas a partir de Rondônia, a partir do rio Madeira.



Eu queria dizer para vocês, três exemplos de vocês: Sabe que eu tenho um repórter que vem antes aqui, e conversa com algumas pessoas. E nós contamos uma historinha aqui, de vocês. Por exemplo, a Natalina Guimarães Lopes. Quem que é Natalina? Está aí? Está aí. Bem, ela é mais conhecida como Natália.

Natália tem apenas 27 anos de idade e cria sozinha os quatro filhos. A mais velha tem 6 anos, depois vêm as gêmeas de 4 anos, e o caçulinha, de 1 ano e 7 meses. Antes, a Natália trabalhava em casa, fazendo as unhas das vizinhas. Sem os R\$ 122 reais do Bolsa Família, Natália não conseguiria alimentar, vestir e educar os seus filhos.

A vida melhorou. Natália se inscreveu no “Acreditar”, foi contratada pela Odebrecht, começou a trabalhar como ajudante de produção e logo passou para ajudante de máquina. Ganha R\$ 500 por mês, se for mais, não precisa me dizer, se for menos, reclame, que eu falo com o Emílio para pagar mais para você. Ganha R\$ 500 por mês, mas quer subir na empresa, Marcelo. Para isso, a Natália está fazendo curso no Senai, e espera ser promovida a eletricista de veículos.

Natália sai de casa, olha para quem é preguiçoso: Natália sai de casa às quatro e trinta da manhã, só chega na empresa às sete, depois de pegar dois ônibus e uma balsa. Sai do trabalho às 17h30 e corre para as aulas do Senai, das 19 às 22h. Só volta para casa às 23h30, ou seja, uma maratona diária de 19 horas em busca de uma vida melhor para ela e para os filhos dela. E ainda tem gente que diz que o Bolsa Família é esmola e que deixa as pessoas preguiçosas. Veja o que diz a nossa querida Natália: “Só quem passa por dificuldades, sabe o quanto o dinheiro do Bolsa Família é importante. É ajuda certa, na hora certa que a gente precisa”. Aqui uma coisa importante: eu digo muito para os meus companheiros, eu digo até para os meus ministros, muitas vezes as pessoas perguntam: “Presidente, mas R\$ 80 ajuda? R\$ 50 ajuda? R\$ 100 ajuda?” Eu digo para eles: “Olhem, muitas vezes, o dinheiro que você dá



de gorjeta em um bar depois de você tomar três ou quatro uísques, daria para uma mãe de família levar comida para casa por 15 ou 20 dias”. Portanto, Natália, que Deus te abençoe, porque essa força de vontade e essa tua disposição de conquistar a cidadania está se concretizando.

Mas vamos ver o caso da nossa querida companheira Ana Roberta de Carvalho. Está aí a Ana Roberta de Carvalho? Está ali também. Ana tem 37 anos e duas filhas, uma de sete e outra de 13 anos. Antes, trabalhava fazendo bordado em sandálias Havaianas e toalha de mesa, e depois saía vendendo de porta em porta. Às vezes, trabalhava das oito da manhã até meia noite. Tudo isso para tirar não mais que R\$ 200 no fim do mês, complementando a renda doméstica com o Bolsa Família e os bicos que o seu marido fazia como ajudante de pedreiro. Mas aí a Ana se inscreveu no “Acreditar” e foi contratada como ajudante de pedreiro. Hoje ganha cerca de R\$ 500, o marido Vanderlei também se inscreveu, está esperando a sua vez. Ana não escolheu por acaso a profissão do marido. Ela quer ser pedreira para um dia, junto com o marido, construir a sua própria casa.

Vamos ver o que diz a nossa querida Ana, da sua própria boca: “Já realizei um sonho que era trabalhar com carteira assinada. Agora, falta realizar o outro grande sonho, que é ter a minha casa e eu vou construir”, garante Ana. Querida Ana, meus parabéns. Certamente, eu ainda vou tomar café na sua casa, feita por você.

Vamos ver agora o que diz o nosso companheiro Samonir Manásfi. Cadê o Samonir? Está ali. O Samonir tem 36 anos. Foi pai pela primeira vez aos 17. E ele diz: “Homem que é homem não foge da raia”, pois ele encarou a responsabilidade e fez de tudo um pouco para sustentar a família. Foi vendedor ambulante de mel, vendeu latinha de alumínio, juntou garrafa, capinou quintal. A renda incerta era complementada também pelo dinheiro do Bolsa Família. “Parece pouco, mas para quem precisa é muito”, diz o nosso companheiro Samonir. Ele diz: “Ajuda no sustento da família. Compra o pão que falta, o leite



que ajuda a matar a fome dos meus filhos”. Samonir está casado há 20 anos e tem duas filhas. Rapaz, sabe que você deveria ser exemplo de casamento, porque a molecada hoje casa e larga logo. Rapaz, parabéns.

Samonir, em 2007, conseguiu emprego de vigilante e pôde enfim abrir mão da ajuda do cartão do Bolsa Família, Patrus. Mas não queria parar por aí, por isso, passou pelo “Acreditar” e foi contratado pela Odebrecht para ajudar a construir a usina. Entrou como meio-oficial de pedreiro, mas quer chegar logo a encarregado. Na verdade, quer ainda mais, vai se inscrever no Enem para conseguir uma bolsa do ProUni e virar engenheiro Civil, como ele mesmo diz.

Vamos ver o que diz o diz o Samonir: “Não é fácil, mas é possível. A gente só precisa de oportunidade. Se derem oportunidade, a gente agarra, a gente segue em frente e vai embora.” Samonir, querido, vou dizer uma coisa para vocês todos: é possível você virar engenheiro. Você imagina que eu, de um curso técnico, a profissão... O cargo mais difícil de chegar neste país é o cargo de Presidente e eu cheguei, por que você não pode ser engenheiro? Pode. É só acreditar.

Bem, eu não vou dar os números do “Acreditar”, porque o Marcelo já disse. Eu só queria dizer para vocês uma coisa, gente: o estado de Rondônia vai passar por uma fase nova e uma fase muito importante. E também o Acre vai ser ajudado, viu, Jorge? Porque apenas oito turbinas dessas dão conta de energia para sustentar o Acre e Rondônia, sem precisar de nada.

Acontece que vocês prestem atenção, porque logo vai ter campanha política e pode aparecer algum engraçadinho dizendo: “É, essa hidrelétrica não valeu nada, porque está fazendo a hidrelétrica aqui mas está levando a energia para São Paulo”. Bobos seríamos nós se deixássemos a energia aqui, sem ter consumo para essa energia. O que nós achamos é que este projeto vai começar a trazer uma quantidade de indústrias para este estado que, aí sim, este estado vai começa a consumir, quem sabe, esses megawatts produzidos aqui e outros que nós vamos produzir em outros lugares.



Mas enquanto Rondônia não precisa da energia, nós estamos fazendo um linhão direto, 2 mil quilômetros, o maior linhão do mundo. Não me peçam para explicar, porque eu não sei, mas a verdade é que o linhão de forma contínua, ele não perde energia, ela não se perde no caminho. Então, se sai daqui 100, vai chegar em São Paulo 95. Se você tiver que parar para fazer ramais de linha de transmissão, você vai perdendo cada vez que você faz o ramal, e para chegar a São Paulo você pode perder entre 20 e 25% de energia. Então, é por isso que nós estamos fazendo o linhão.

E esse linhão também, Governador e Prefeito, vai gerar muito emprego, porque o linhão todo vai custar por volta de R\$ 7 bilhões. À medida em que Rondônia começa a ter indústria, o Acre começa a ter indústria, obviamente que essa energia vai estar aqui. Mas por que é importante fazer o linhão? Vocês se lembram do apagão que nós tivemos em 2001? Vocês viram na televisão que nós tivemos um apagão e que nós tivemos que reduzir 20% o gasto da energia na nossa casa? Quem já não gostava de tomar banho, como eu, achou bom porque teve que tomar menos banho. Mas quem é mais asseado e gosta de tomar banho três vezes por dia teve que diminuir pelo menos um banho. E por que nós tivemos o apagão? Porque nós não tínhamos linha de transmissão, essas torres com esses fios que vocês vêem por aí. É essa torre que carrega a energia.

Então nós tínhamos excesso de água no Rio Grande do Sul, falta de água em São Paulo. São Paulo precisava de energia e a gente não podia levar a energia que sobrava do Rio Grande do Sul porque não tinha linha de transmissão.

Nós, agora, estamos interligando o Brasil inteiro, e queremos interligar a América do Sul inteira, ou seja, fazendo hidrelétricas na Venezuela, no Peru, na Colômbia, e a gente fazendo ligação, com linha de transmissão, porque como o tempo de chuva é diferente, às vezes de um lado está cheio e do outro está seco, você começa a transferir energia. Deus queira que nunca aconteça,



mas se um dia o rio Madeira, por algum caso, secar, tendo linha de transmissão você pode trazer energia produzida em Itaipu para cá, você pode trazer energia produzida em São Paulo para cá. Se não tiver, você não transporta. Então, quando lá precisa de mais energia, nós levamos daqui para lá, quando aqui precisa de mais energia, se traz. E assim vale para o Brasil inteiro.

Por isso que eu e a minha turma de energia passamos três anos, os nossos adversários dizendo: “Vai ter apagão, vai faltar energia. Vai ter apagão”. Tinha até uma empresa de ganhar dinheiro para vender a idéia de apagão. É verdade! Para aumentar o preço da energia, inclusive. Verdade ou mentira, Emílio? É verdade. Era um bando de sabichões que, toda semana: “Vai ter apagão, não vai ter apagão; vai fazer hidrelétrica, não vai fazer hidrelétrica; vai ter apagão...”. Pois eu quero dizer, na frente de vocês: não vai ter apagão neste país. Não vai ter.

E nós vamos construir, com a responsabilidade social e com a responsabilidade ambiental, todas as hidrelétricas que precisam ser feitas. Um dia, vocês vão ver na televisão um projeto de hidrelétrica chamada plataforma, que vocês vão cair o queixo de ver que coisa bonita. Eu vou até levar agora, já, para os Estados Unidos. Na conversinha com o Obama, eu falo: “Dilma, bota no computador e mostra o que é a hidrelétrica plataforma, para saber que nós vamos inovar no mundo”.

E vamos inovar, porque a melhor foto que eu vou carregar daqui não é a quantidade de caminhões, não é a quantidade... é a cara boa de vocês, a cara de felicidade. Eu tenho certeza de que neste momento em que vocês estão recebendo o diploma de vocês é a mesma felicidade que eu tive, quando recebi meu diploma de torneiro mecânico, uma coisa extraordinária. Eu tenho oito irmãos, eu fui o primeiro a ter um diploma primário, eu fui o primeiro a ter um diploma do Senai, eu fui o primeiro a ganhar mais que um salário mínimo, eu fui o primeiro a ter uma casa própria, eu fui o primeiro a ter uma geladeira, eu



Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República

fui o primeiro a ter uma televisão. E isso vai acontecer com vocês. Deus queira que vocês sejam os primeiros, mas que não sejam os únicos, que os outros da família possam crescer tanto ou mais que vocês.

Parabéns, Emílio e Marcelo. Parabéns, Governador e Prefeito. E parabéns a todos os trabalhadores do “Acreditar”. Um abraço.

(\$211A)